

PERFIL
As lutas de
Dom Tomás

PALESTINA
Novo massacre
contra Gaza

GRACILIANO
Livro lembra
o escritor

C

Carros amigos

A PRIMEIRA À ESQUERDA

ano XVI
nº 189 / 2012
R\$ 10,90

AMAZÔNIA
MADEIREIROS AVANÇAM
COM DEVASTAÇÃO

BRASIL CONGELA
CONVENÇÕES DA OIT

MÉXICO-EUA
O DRAMA DOS RETORNADOS



MACONHA GARANTIDA PELO ESTADO
URUGUAI SE PREPARA PARA CONTROLAR PRODUÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E USO



ENTREVISTAS

TARSO GENRO
“Soberania é ser solidário
com CUBA”

ROSA MARIA
CARDOSO DA CUNHA
“O direito à verdade só se
concretiza com Justiça”

ISSN 1414-221X



CAIO ZINET CECÍLIA LUEDEMANN CLAUDIO DÉBORA PRADO ELITE NEGREIROS EMIR SADER FERNANDO BORGES
FREI BETTO GABRIELA MONCAU GERSHON KNISPEL GILBERTO FELISBERTO VASCONCELLOS GUTO LACAZ JOÃO
PEDRO STEDILE JOEL RUFINO DOS SANTOS JOSÉ ARBEX JR. JÚLIO DELMANTO LAÍS MODELLI MARCOS BAGNO MÁRIO
AUGUSTO JAKOBSKIND MC LEONARDO PAULA SALATI RENATO POMPEU SÉRGIO VAZ SUE BRANFORD TATIANA MERLINO

AOS 120 ANOS, GRAÇA JOVEM E REBELDE

Ateu, comunista e lutador, o escritor do português brasileiro Graciliano Ramos mantém-se na vanguarda da literatura crítica.

Por Cecília Luedemann

Nascido em Quebrângulo, Alagoas, em 27 de outubro de 1892, e morto em 20 de março de 1965, com 61 anos, no Rio de Janeiro, o romancista completaria 120 anos. Sua criação literária, desde *Caetés*, *São Bernardo*, *Angústia*, *Vidas Secas*, *Infância*, *Memórias do Cárcere*, entre outras, demarcou definitivamente a literatura brasileira com o romance testemunho, o romance social, no campo da literatura crítica. "Associo-me aos senhores numa demonstração de solidariedade a todos os infelizes, que povoam a terra." Com essas palavras, Graciliano Ramos agradeceu a homenagem dos amigos e colegas escritores durante a comemoração dos seus 50 anos, no restaurante Lido, em 1942, no Rio de Janeiro. Para Graciliano, o comprometimento com os explorados e sofredores era o motivo principal de sua literatura.

Embora seja acusado pela história oficial de ser um autor pessimista, estudiosos da obra de Graciliano demonstram que ele caracteriza-se como um escritor crítico, daí a sua negatividade, com uma literatura radicalmente comprometida com a realidade social. Em 1987, no 95º aniversário de nascimento do romancista, Zenir Campos Reis, em artigo sobre *Angústia* (1936), conclui: "Graciliano Ramos, no entanto, não é um escritor naturalista. Não é a fatalidade que determina a vida de sua personagem; são sim as condições concretas, mas também um ato de escolha: o homem é agente de sua história." No ano passado, durante a comemoração dos 75 anos da publicação de *Angústia*, Antonio Cândido, em sua conferência, definiu Graciliano Ramos como um dos maiores escritores de sua geração, entre José Lins do Rego, Jorge Amado, Raquel de Queiroz, que realizou transformações muito mais significativas na literatura brasileira que os aclamados modernistas, e destacou *São Bernardo*, como sua obra-prima. A personificação do capital na figura de Paulo Honório recria as condições do sucesso empresarial, sinônimo de destruição de tudo ao seu redor, como o roubo, o assassinato e o suicídio da esposa Madalena.

Nesta reportagem, a *Caros Amigos* conversou



Graciliano Ramos, no ofício de escritor, em 1948, na Ilha do Governador (RJ).

FOTO: ACERVO GRACILIANO RAMOS - REPRODUÇÃO DE *O VELHO GRAÇA* (BOITEMPO)

com Dênis de Moraes, professor da Universidade Federal Fluminense, que se embrenhou pela vida do escritor e escreveu *O Velho Graça*, biografia reeditada (Boitempo) em comemoração aos 120 anos, para saber o lugar que Graciliano Ramos ocupa na literatura brasileira e para reflexão sobre o Brasil atual. Quem foi o homem Graciliano Ramos e o que ele representa nesta segunda década do século 21?

Para o biografista que entrevistou dezenas de amigos, escritores e jornalistas, além de familiares, como a esposa Heloísa e o filho Ricardo, bem como investigou inúmeros documentos em arquivos públicos e privados, Graça é um homem atual na sua visão crítica sobre a enorme desigualdade social do Brasil: "Eu acho que o lugar do Graciliano, hoje em dia, é um lugar da revitalização do realismo crítico da literatura brasileira. E eu penso que o compromisso social, político e ético do Graciliano se mantém absolutamente atual e inalterado,

seja por sua força interna, pela sua coerência, pela sua poderosa lógica de argumentação, de percepção de visão de mundo, de valores, como também porque uma série de temáticas, de problemas e questões do país permanecem ainda por se resolver, por se equacionar, por se aprofundar."

Em *O Velho Graça*, Dênis não cedeu à tentação de fazer uma relação mecanicista entre a vida e a obra de Graciliano, como assinala em prefácio Carlos Nelson Coutinho (morto recentemente), ao contrário, descreveu as condições históricas do Brasil oligárquico que sofría com as dores do parto do Brasil industrial, com o fórceps da ditadura varguista, da modernização conservadora na qual foi forjada a geração dos romancistas de 1930: "Graciliano relido em 2012, injeta na literatura atual o componente crítico de insubmissão, de questionamento das estruturas do poder dominante, das injustiças e desigualdades sociais, das

exclusões, da exploração do homem pelo homem, das formas contemporâneas do exercício de um poder muitas vezes ilegítimo, tanto de uma estrutura social e econômica que, em linhas gerais, apresenta uma série de distorções, de desvios."

HUMANISMO

O humanismo do romancista recoloca a questão do lugar do homem brasileiro nos projetos de país. Para Dênis, esse é um dos valores que tornam sua obra imortal: "Então, eu acho que essa pujança de Graciliano em 2012 tem a ver, fundamentalmente, com o seu compromisso do pensamento crítico e, principalmente, com o destino do homem brasileiro. Eu acho que esse realismo crítico do Graciliano é um realismo comprometido não apenas com a discussão das grandes questões do país, como também se destaca pelo alinhamento com as expectativas, com os interesses, com as aspirações do homem brasileiro no seu embate com as estruturas de poder, com a dificuldade do homem brasileiro conseguir fazer avançar os seus anseios, suas reivindicações numa sociedade tão desigual, marcadamente excluente. Num outro sentido, eu acho que a força intrínseca do Graciliano tem a ver, também, com o seu compromisso com o humanismo. Eu acho que o Graciliano é o grande romancista da condição humana no país. Não é casual o fato de que as conjunturas se alterem, que o processo sociopolítico do país passe por novas etapas e Graciliano sobreviva como um clássico a todas as intempéries. E eu acho que tudo isso tem a ver, justamente, com essa opção preferencial dele pela condição humana. Ele não está discutindo, apenas, o homem diante da moldura do Brasil. Ele está discutindo o homem, diante da moldura do Brasil, mas efetivamente o grande cenário é o cenário da passagem do homem pela terra. Quer dizer, os revezes do homem na sua busca na Terra da Promissão."

Vidas Secas, publicado em 1938, ainda é um dos romances mais atuais, pois o Brasil vive uma das piores secas dos últimos 30 anos, destruindo a vida de mais de 10 milhões de pessoas de 1.317 municípios dos estados do norte de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí. Dênis de Moraes afirma que as mesmas problemáticas do sertão nordestino permanecem, mas a atualidade de sua literatura é resultado do seu "olhar muito agudo, muito penetrante, muito inconformado, e muito alinhado justamente com as forças sociais que sofrem as consequências com modelos de desenvolvimento que são perversos, que têm um verniz de inclusão social e que, na verdade, têm sido modelos perpetuadores das desigualdades, da

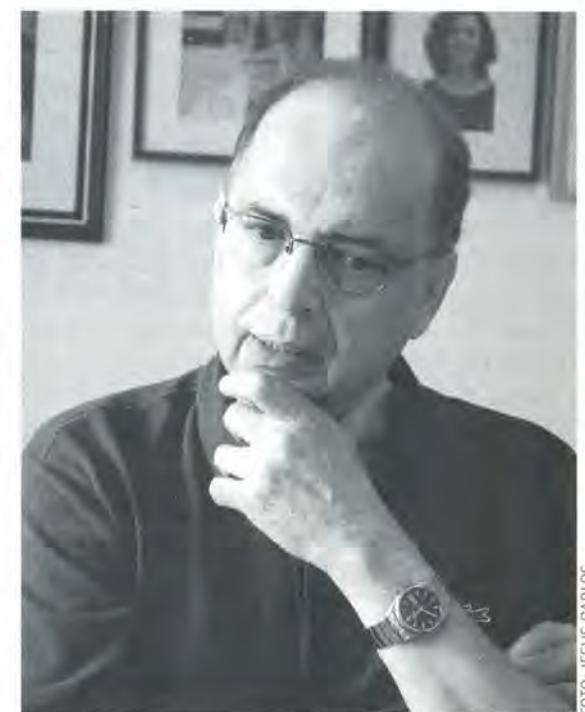
pobreza. O Graciliano viveu tudo o que se passa no romance *Vidas Secas* e presenciou o flagelo das secas no sertão do nordeste. A família Ramos era de andarilhos na região de Pernambuco e Alagoas. Primeiro, teve fazenda, teve gado, depois perdeu, foi para o comércio, abriu a loja de tecidos. Então, o velho Sebastião Ramos foi o homem que tinha esse caráter cigano e migrante. Isso permitiu a Graciliano, indiretamente, e talvez de forma imprevista, conhecer a realidade do povo trabalhador no mundo rural de perto. Aqueles personagens absolutamente desumanizados pelos patrões, pelos capatazes, pelos latifundiários, ele os conheceu."

Intelectual de novo tipo, comprometido com a classe trabalhadora, Graça foi um homem revoltado, coerente com a palavra e ação, contra a ditadura dos vários setores da burguesia, como explica Dênis: "Ora, Graciliano Ramos nos anos 1930 e 1940, início dos anos 1950, quando partiu, foi efetivamente não apenas um crítico desses projetos elitistas desses arranjos de cúpula, mas ele, em duas outras dimensões, merece ser citado. Em primeiro lugar, o fato de que quando ele teve a possibilidade de exercer o poder no microcosmo, que foi a prefeitura de Palmeira dos Índios, em Alagoas, ele fez um governo revolucionário, de ruptura com as heranças, precisamente das elites que na República Velha comandavam a política na cidade. Ele fez um governo de inversão de prioridades, de abertura do poder público municipal à cidadania, de opção preferencial pelos pobres das periferias da cidade, enfrentando toda sorte de dificuldades de pressões, de incompreensões e de campanhas difamatórias por parte das elites, que consideravam por ser ele um comerciante honrado e sem vínculo partidário anterior poderia ser um prefeito confiável. Ora, ele não queria ser prefeito de Palmeiras dos Índios, resistiu e só aceitou por duas razões: ele foi provocado

por adversários que ele mal conhecia que diziam que ele estava correndo da raia e as pessoas mais pobres, e as diferentes classes sociais que se fa-

zia representar na roda de amigos e de clientes fiéis da loja Sincera, loja de tecidos de propriedade da família Ramos, o convenceram a enfrentar o desafio de governar a cidade".

Dênis nota que "A sua visão crítica sobre as classes dominantes, as formas perversas de exercício do poder, não se limitaram apenas aos aspectos meramente conceituais, retóricos e argumentativos. Uma segunda razão, o fato de Graciliano ter um alinhamento com as classes oprimidas que tornavam o seu olhar sobre esse processo elitista, conservador da ordem, um olhar bastante transformador. A visão de Graciliano era sempre uma visão que se aproximava da ideia de emancipação social. Em



Dênis de Moraes, biógrafo de Graciliano Ramos.

FOTO JESUS CARLOS

tudo que fazia, não só na obra."

PRINCÍPIOS ÉTICOS

Desconstruir a imagem de um homem pessimista, preso à sua obra, criado pela história oficial, e mostrar que era um revolucionário, com princípios éticos comparáveis a Che Guevara, casado duas vezes, apaixonado por Heloísa de Medeiros Ramos (militante feminista e comunista, companheira e crítica de suas obras) até o final da vida, pai de oito filhos, foi alguns dos objetivos do biografista: "Ele não era só um crítico, não era só uma pessoa inconformada com aquilo que ele assistia, mas ele sempre procurava, através de personagens emblemáticos em sua literatura mostrar sempre um certo germe da transformação, a possibilidade de ter novas hegemonias da sociedade, visões de mundo que contrariavam as ideologias dominantes. Portanto, ele era um revolucionário. Ele só se filiaria ao Partido Comunista Brasileiro em 18 agosto de 1945. O cerne do seu espírito, da sua visão de mundo, do seu ser e estar no mundo, era um ser e estar revolucionário."

O homem Graciliano que descobrimos na biografia *O Velho Graça* é um autodidata, extremamente culto, comunista, no sertão de Alagoas, leitor de textos de Marx e de Gramsci, dos clássicos russos, como Dostoeievski, Tolstói e Górkii, além de autores brasileiros como Machado de Assis, Lima Barreto, Euclides da Cunha, apaixonado pela revolução bolchevique de 1917, que acompanhou pelos jornais, com um forte vínculo com a classe trabalhadora por sua vivência. Dênis descreve o homem do meio rural, sertanejo, que chegou à cidade, com o conhecimento do abandono total: "Ele desenvolveu afetividade e a sua enorme capacidade de observação crítica, a sua sensibilidade para os que sofrem, para

os que são oprimidos. Isso se exacerbou muito. Então, quando Graciliano vai para Palmeira dos Índios, um pequeno meio urbano, ele já tinha experiência de contato com os trabalhadores rurais. E temos que pensar que os trabalhadores rurais das décadas de 1910 e 1920 viviam num regime semifeudal, não tinham direitos trabalhistas, não tinham salário mínimo, não tinham previdência social. Isso aconteceu vinte anos depois da escravidão no país. O velho Sebastião [pai de Graciliano] teve escravos. Então, ele viveu de perto a realidade terrível de desumanização, de precarização e assimilou isso pelo lado da indignação, do inconformismo, da rebeldia diante de uma situação em que o homem é coisificado, levado ao extremo da exploração, ao extremo do desrespeito, ao extremo do abandono. Isso tem a ver com a vivência imediata dele, e, principalmente, com o sofrimento que ele sentia diante dessa vivência tão adversa e tão pungentemente desumana e anti-humana. Mas, há uma grande entrevista que publicamos nesta nova edição, como apêndice, que o Graciliano deu ao saudoso jornalista Milton Rodrigues, publicado em 1944, em que ele diz: 'Eu só posso falar daquilo que eu sei e que eu sinto'."

A investigação de Dênis de Moraes nos presenteia, ainda, com o conhecimento do ofício de escritor de Graciliano, principalmente com as circunstâncias com que cada obra foi criada. Em cada circunstância, vemos um escritor que sabia o que escrever e como escrever. O amor à literatura não apagou o sentimento de sacrifício associado ao ofício da escrita, sempre presente entre esculhambações e castigos por parte dos pais e professores durante a infância. Por outro lado, em sua disciplina interior, repetia o ritual de escrever o enredo, traduzir para o português brasileiro do matuto nordestino, cortar as passagens e palavras desnecessárias, como faziam as lavadeiras de Alagoas que lavavam várias vezes o pano, para tirar a sujeira e torcer até "não pingar uma só gota", pois segundo Graciliano, "A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer." Mais do que isso, por todas as suas dificuldades econômicas e políticas, cada obra foi resultado do sacrifício e da criatividade de Graça. Não por acaso, quando Antonio Cândido observa que *Vidas Secas* tinha capítulos construídos como quadros independentes, o crítico literário analisou o resultado, mas não a circunstância, pois a obra originou-se de um conto sobre a cachorrinha Baleia, publicada em jornal, e depois os demais contos da saga da família ser-taneja foram reescritos e reunidos no romance.

Dênis investigou a rotina do escritor: "Isso tem a ver com o estilo de Graciliano escrever

e as circunstâncias que precederam esse estilo. Porque, de fato, Graciliano não foi um escritor, como a maioria dos escritores, que tem o privilégio de escrever os seus livros sem nenhum tipo de pressão no sentido de publicar pedaços, fragmentos, na imprensa, para ganhar alguns trocados. Ele, o tempo todo, perseguido pela necessidade de sobrevivência, encerrado por não ter uma profissão definida, desde que saiu da cadeia. Em verdade, ele refaz a sua vida ao sair do cárcere com 44 anos e tem a ajuda fundamental de amigos, como José Lins do Rêgo, Carlos Drummond de Andrade, que

sendo chefe de gabinete do ministro da educação, Gustavo Capanema, lhe dá um emprego público. Depois, mesmo contrariado e resistindo,

aceita trabalhar na revista *Cultura e Política*, do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), por necessidade concreta de ter uma fonte de renda. E basta ver a rotina de Graciliano para ver que o seu estilo de escrever estava, também, condicionado por suas condições objetivas. Ele só escrevia de manhã cedo, porque ele tinha que almoçar e trabalhar a tarde inteira como inspetor federal de ensino, e depois, à noite, como redator do *Correio da Manhã*. E tinha que fazer artigos, crônicas, contos, se virava de todas as maneiras. Então, eu acho que o estilo de Graciliano de escrever, além da sua peculiaridade intrínseca, realmente, só conseguimos entender, verdadeiramente, porque os livros demoravam tanto para sair, não era porque ele era lento para escrever e revia muito, ele não tinha tempo para acelerar a escrita por essas razões."

REALISMO SOCIAL

Um escritor consciente de sua função social, disposto a formar uma nova geração comprometida com o realismo social da literatura crítica, mas antes de tudo um comunista com princípios políticos que nunca foram negociados nem com a direita, durante o período de cooptação dos intelectuais pela ditadura de Vargas, e nem com a esquerda stalinista.

Para Dênis, "Graciliano não era apenas um prático da literatura, ou era um escritor asséptico, que vivia na estratosfera, no Olimpo. Ele era entranhado, realmente, na realidade do seu tempo e ele pensava o papel que ele tinha a desempenhar nesse tempo histórico. Não é por outra razão que ele escreve *Memórias do Cárcere*. Foi por rigorosa necessidade financeira que Graciliano aceitou, primeiro, a nomeação de inspetor de ensino obtida, generosamente, por Carlos Drummond de Andrade; segundo, foi por estrita necessidade financeira que ele aceitou o convite de Almir de Andrade para escrever uma coluna sobre costumes e tradições do nordeste da revista *Cultura*

Política, do DIP. Bem, eu me dei ao trabalho de consultar toda a coleção da revista para ler todas as colunas que Graciliano escreveu, de 1941-1944, nunca o nome de Getúlio Vargas foi citado, nunca a expressão Estado Novo foi citado, não há uma linha sequer de elogios ao regime discricionário. E mais, não só não coonescou, não fez nenhum tipo de concessão ao Estado Novo, como, de vez em quando, colocava, ironicamente, observações sobre o atraso e subdesenvolvimento do nordeste do país, que era discriminado com relação às capitais do sudeste e do sul, e com muita habilidade, chamando a atenção para as distorções e desigualdades. Terceiro, foi por absoluta carência que ele aceita ser revisor da revista *Cultura Política*. Então, ele relutou, mas teve que aceitar".

Dênis destaca a militância crítica do escritor no PCB: "O Graciliano caminhou no fio da navalha, entre a convicção filosófica do socialismo, como saída para a humanidade, e as exigências da militância dentro do partido. E eu acho que, com seu espírito libertário, crítico, insubmisso, defensor de uma outra sociedade, ele já era comunista muito antes de entrar para o PCB. E, nos sete anos do PC, teve uma enorme dificuldade de ser fiel à causa do socialismo e ao PCB, como instituição, e, ao mesmo tempo, tendo que enfrentar os próceres partidários stalinistas, que de maneira mecânica e absurda quiseram transplantar para o Brasil, a criticamente, o chamado realismo socialista. Hipoteticamente, era um gênero literário como tentativa de politizar e engajar ao extremo o realismo e que resultou numa sucessão de péssimas obras, panfletárias, absolutamente sem valor literário. Essa é a minha tese de doutorado, sobre o realismo socialista na imprensa brasileira, que virou livro, *O imaginário vigiado*, e que é a história desse tempo difícil. Então, me parece que Graciliano conseguiu uma proeza, ele enfrentou à custa de grandes sofrimentos pessoais, de grandes provações pessoais, o patrulhamento ideológico. Graciliano não aceitava, primeiro, a intromissão do partido na sua literatura; segundo, ele era radicalmente contra a tutela ideológica na criação artística e intelectual. Ele reconhecia a autonomia relativa da literatura e das artes, portanto da criação estética e intelectual de maneira geral, em relação à política.

Graciliano aos 120 anos, é um jovem rebelde e apaixonado, mas para conhecê-lo, é preciso, segundo Dênis de Moraes, "libertá-lo das amarras acadêmicas" e "derrubar os muros que o retêm, excessivamente, no mundo acadêmico." *O Velho Graça* devolveu a condição humana de Graciliano para que os leitores façam uma releitura das obras, fora da história oficial e do sistema vestibular, tal como os personagens gracilianos, interessados em refletir criticamente e transformar o seu país. ■

Cecília Luedemann é jornalista.